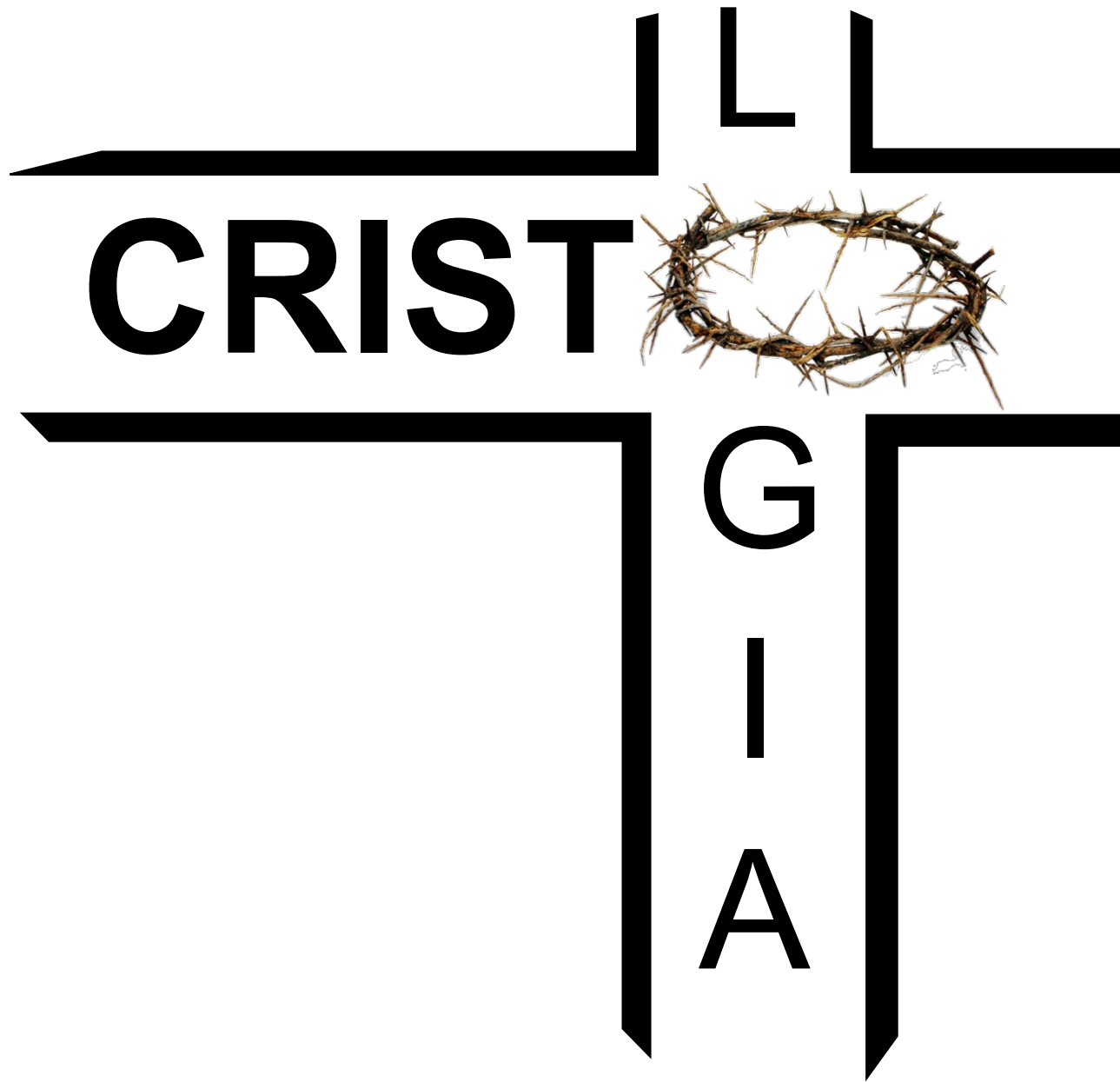


PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE CAMPO GRANDE

CURSO DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL



Prof. Lucas Perruci

CRISTOLOGIA

INTRODUÇÃO:

📖 Mt 16.13-17 – Quem é Jesus e qual o significado de sua morte.

O Cristianismo é diferente de qualquer religião porque é baseado em Cristo, o Deus-Homem. Não é Cristianismo sem Cristo! Entretanto, há grande variedade de opiniões e conceitos sobre a pessoa de Cristo. Para os adventistas, Jesus teve uma natureza inclinada ao pecado, pois, apesar de não ter pecado, ele poderia tê-lo feito. Os testemunhas de Jeová afirmam que Jesus foi a primeira criação de Deus que mais tarde se modificou para homem. Os liberais (dentre eles os espíritas) afirmam que Jesus é apenas um homem com uma percepção elevadíssima de sua divindade.

A frase de um dos cânticos cristãos “Filósofo, poeta ou comunista ou mesmo um hippie já se disse até” demonstra que as idéias podem variar de acordo com “o gosto do freguês”.

I. CRISTOLOGIA HISTÓRICA¹

Nos primeiros séculos da Igreja, ocorreu a formulação e assentamento da cristologia ortodoxa. Esse período foi rico em debates e controvérsias e, através de alguns concílios históricos a teologia foi definida. Nos últimos duzentos anos voltou-se a questionar o posicionamento tradicional.

A. Era Apostólica (até o ano 100)

Transmissão oral do ensino e tradição cristã. Composição e início de circulação da literatura neo-testamentária.

Durante este período os sucessores imediatos dos apóstolos se ocuparam em divulgar a tradição neo-testamentária sem formular declarações teológicas abrangentes. Uma frase que resume o período é: Muita citação com pouca reflexão.

B. Era Sub-apostólica (100 - 170)

Nas primeiras décadas deste período a preocupação central era prática e existencial; os chamados pais apostólicos não eram sistematizadores de teologia. Defendiam, sem relacionar ou explicar, tanto a humanidade quanto a divindade de Jesus.

Os apologistas começaram a construir a teologia cristã por precisarem defender a fé contra os ataques dos filósofos pagãos. O problema desses homens é que, muitas vezes, em seu esforço para tornar o cristianismo aceitável, comprometiam aspectos da Cristologia Bíblica (e.g., Cristo, afirmando que Ele existira eternamente, sim, mas apenas como a Razão Divina, o Logos).

Seitas heréticas também desenvolveram sua Cristologia nesse período:

1. Os ebionitas aceitavam parcialmente a messianidade de Jesus, mas negavam Sua divindade e Sua morte vicária. Para eles, Jesus foi extraordinário profeta, identificado com os pobres (ebyonim).

Defensores modernos dessa ideia: unitaristas (Faustos Socinos); Teólogos da Libertação e liberais.

¹ Este ponto está condensando material de Victor Michel Apostila de Teologia Sistemática 1 e de Carlos Osvaldo, Ibid.

2. Os gnósticos representam uma tentativa de harmonizar as religiões de mistério com o cristianismo. Em geral eram docentes, ou seja, afirmavam que Jesus tinha apenas **aparência** humana e negavam Sua plena divindade. Também não aceitavam sua humanidade, uma vez que entendiam a matéria como sendo essencialmente má.

Alguns extremistas da Nova Era atuais defendem ideias semelhantes.

3. Próximos aos gnósticos docentes estavam os marcionitas, que acreditavam ser Jesus uma mera manifestação aparente (i.e. não corpórea) do Deus perfeito, atacado pelo Deus do Antigo Testamento, que identificavam com o Demiurgo, um ser intermediário, diferente do Deus Supremo, e que fora o Criador do universo material.

C. Período Pré-Niceno (170 - 325)

A falta de uma teologia sistematizada proporcionou o surgimento de diferentes correntes de opinião e interpretação dentro da Igreja nascente. Em alguns casos, houve a tentativa de harmonizar a teologia com a filosofia; em outros, ocorreu um claro desenvolvimento herético.

A principal controvérsia do período foi a respeito da divindade de Cristo. Se Jesus é Deus, como harmonizar isso com o monoteísmo do A.T.?

Enquanto a Igreja defendia firmemente a Cristologia bíblica (que estudaremos logo a seguir), as principais distorções quanto à divindade de Jesus foram as seguintes:

1. **Adocianismo** (ou monarquianismo dinâmico): o homem Jesus foi adotado pelo Cristo divino, por ocasião do batismo (ou da ressurreição). Assim Jesus tornou-se Cristo, sendo exaltado a uma posição divina.

Muitos liberais.

2. **Modalismo** (ou sabelianismo): O Deus unipessoal das Escrituras tinha três modos de manifestação. O Pai do AT tornou-se o Jesus dos Evangelhos, que se tornou o Espírito Santo de Atos. Deus é uma pessoa que se transforma no processo histórico.

Igreja Local (fundada por Witness Lee)

3. **Arianismo** No final deste período surgiu o grande conflito doutrinário que praticamente dividiu o cristianismo entre os que afirmavam a divindade de Cristo e os que a negavam, entre os quais o mais famoso foi Ário, presbítero de Alexandria, que negou a plena divindade de Jesus: “Houve um tempo em que Cristo não era.” Segundo Ário, Cristo foi a primeira criação (o primogênito) de Deus, e através de quem todo o universo foi criado. A reação conservadora foi liderada por Atanásio, bispo de Alexandria.

Testemunhas de Jeová, Mórmons.

Em 325, convocados pelo Imperador Constantino, os bispos de quase todo o império se reuniram na pequena cidade de Nicéia, no que hoje é a Turquia, para discutir e por fim à cisma que ameaçava rachar a Igreja e o império (a verdadeira preocupação de Constantino). O partido liderado por Atanásio saiu vencedor, mas seu triunfo foi de curta duração.

Até certo ponto, apesar do triunfo da ortodoxia no Concílio de Nicéia, houve uma ideia variante liderada por Eusébio, o historiador. Assim, na prática, a Igreja, que apoiava a divindade de Jesus, acabou por se resignar a uma “meia-divindade” (ou seja, ficou com um semi-arianismo). O quadro a seguir resume este processo teológico:

RESUMO DAS POSIÇÕES CRISTOLÓGICAS NO DEBATE DE NICÉIA		
DEFENSOR	PALAVRA-CHAVE	QUESTÃO CENTRAL
Ário	ετεροουσιος	Essência distinta
Atanásio	ομοουσιος	Essência igual
Eusébio	ομοιουσιος	Essência semelhante

O Credo de Nicéia (325 d.C.)

Cremos em um Deus Pai Todo-Poderoso, criador de todas coisas visíveis e invisíveis. E em um Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus: gerado como Unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz de luz; Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não feito; consubstancial com o Pai; mediante o qual todas as coisas foram feitas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; que para nós humanos e para nossa salvação desceu e se fez carne, se fez homem, e sofreu, e ressuscitou ao terceiro dia, e virá para julgar os vivos e os mortos. E no Espírito Santo.

Aos que dizem, pois, que houve um tempo quando o Filho de Deus não existia, e que antes de ser concebido não existia, e que foi feito das coisas que não são, ou que foi formado de outra substância ou essência, ou que é uma criatura, ou que é mutável ou variável, a estes a igreja católica (universal) anatematiza.²

D. Período Pós-Niceno (325 - 600)

A resolução de Nicéia definiu, embora não de maneira totalmente satisfatória, a divindade de Cristo. A partir daí passou-se a discutir o relacionamento entre as duas naturezas na Pessoa de Cristo.

As principais correntes do período foram:

1. **Apolinarianismo** (séc. IV) - Apolinário, bispo de Laodicéia, propôs que a pessoa humana de Jesus consistia de um invólucro (casca) da pessoa divina, negando assim sua plena humanidade. Diziam que “o Logos divino tomou o lugar da mente humana”³. Foi condenado em 381, no Concílio de Constantinopla. Equivalente moderno: Nova Era
2. **Nestorianismo** (séc. V) - Nestório, bispo de Constantinopla, cria que haviam duas Pessoas coexistindo em Cristo, as quais reagiam individualmente. Neste caso foi destruída a unidade da Pessoa de Cristo. Foi condenado pelo Concílio de Éfeso em 431. Equivalente moderno: conservadores mal informados.
3. **Eutiquianismo** (séc. V) - Êutiques propôs uma fusão das duas naturezas, criando-se um "híbrido", nem divino nem humano. Foi condenado em 451, pelo Concílio de Calcedônia. Equivalente moderno: conservadores mal informados.

² Justo L. Gonzalez, Uma História do Cristianismo, vol.2 p.97

³ H. Wayne House, Teologia Cristã Em Quadros, art.27

A DEFINIÇÃO DE CALCEDÔNIA (451)

Fiéis aos santos padres, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade e perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e de corpo; consubstancial (homoousios) segundo a divindade, e consubstancial (homoiousios) a nós segundo a humanidade; "em todas as coisas semelhante a nós, excetuando o pecado", gerado segundo a divindade antes dos séculos pelo Pai e, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, gerado da Virgem Maria, mãe de Deus (Theotókos). Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis e imutáveis, consepáveis e indivisíveis; a distinção de naturezas de modo algum é anulada pela União, mas, pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e subsistência; não dividido ou separado em duas pessoas. Mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus Verbo, Jesus Cristo Senhor; conforme os profetas outrora a seu respeito testemunharam, e o mesmo Jesus Cristo nos ensinou e o credo dos padres nos transmitiu.⁴

E. Idade Média (680 - 1517)

A definição de Calcedônia firmou a Cristologia, cessando as controvérsias nessa área. A igreja medieval acentuou, por vezes demasiadamente, a divindade de Jesus, em detrimento de sua humanidade. Algumas tendências Nestorianas apareceram com Abelardo e Pedro Lombardo (séc. XII).

F. Reforma (1517 - 1600)

Os reformadores ativeram-se a Calcedônia, formulando as bases das grandes confissões dos séculos XVI e XVII.

G. Da Reforma até o Presente

Ainda no século XVI ressurgiu o arianismo com Miguel Servetto, na Suíça e Fausto Socinos, na Polônia. Essa forma de "unitarismo" espalhou-se pela Europa e América do Norte, reforçado depois pelo Iluminismo e Racionalismo do século XVIII, culminando no liberalismo clássico do século XIX. A divindade de Jesus foi radicalmente abandonada e várias das antigas heresias foram reassumidas.

A ideia que prevaleceu no liberalismo e ainda hoje se acha presente na Teologia do Processo e na Teologia da Libertação é a de um monarquianismo adocionista, em que Jesus foi aos poucos incorporando uma divindade funcional graças ao seu caráter benévolo e ao seu compromisso com a melhoria da condição dos oprimidos.

Karl Barth, que rejeitou o liberalismo clássico, as vezes se inclina para o sabelianismo (Jesus como um modo de revelação do Deus unipessoal), e alguns teólogos de libertação evangélicos se inclinam nessa direção.

⁴ H. Bettenson, Documentos da Igreja Cristã, p.86

Entre as falsificações do cristianismo presentes no Brasil aparecem:

1. Testemunhas de Jeová - arianismo radical.
2. Mórmons - politeístas, Jesus é o irmão mais velho da humanidade, gerado da união de Adão com Maria (T. Geer, Porque Abandonei o Mormonismo, p. 78).
3. Espiritismo, religiões "afro" - Jesus é espírito aperfeiçoado, adotado por Deus.

II. CRISTOLOGIA BÍBLICA

A. Nomes:

1. Jesus → derivado do heb. “Joshuá” = Deus é Salvação (Jeová é o nosso socorro).
2. Cristo → é o nome oficial do Messias – o “ungido”.
3. Filho do Homem → é o nome que o liga à Terra e à sua missão redentora (Lc 19.10). Era sua designação favorita (usada mais de 80 vezes)⁵ – Charles Ryrie, Bíblia Anotada, p.1194
4. Filho de Deus → título de divindade (Mt 8.29).
5. Senhor → equivalente ao heb. “yahweh” (Jeová).
6. Filho de Davi → nome judaico (Mt 9.27) e título messiânico.

B. A Encarnação

A união da natureza divina com a natureza humana resultou na unidade da Pessoa de Cristo. O veículo humano foi a virgem (parthénos) Maria; a ausência de relação sexual normal teve o mérito de não imputar o pecado inerente à raça humana. Por outro lado, o agente divino foi o Espírito Santo. O Deus-homem, Jesus, foi "reconhecido em figura humana", enquanto continuou sendo Deus - *Fp 2:7, Jo 1:14.

1. Nascimento Virginal - é ensino indiscutível tanto no AT quanto no NT:

* Mt 1:16, *Mt 1:18-25, Lc 1:26-56;

* Is 7:14 (citado em Mt 1:21), cf. LXX.

2. Propósitos da Encarnação :

- a. Revelar Deus para o homem, Jo 1:18.
- b. Providenciar um exemplo para vivermos, 1 Pe 2:21.
- c. Efetuar sacrifício pelo pecado, Hb 10:1-10.
- d. Destruir as obras do diabo, 1 Jo 3:8.
- e. Tornar-Se perfeito Sumo-Sacerdote, Hb 5:1,2.
- f. Cumprir a promessa do "Filho de Davi", Lc 1:31-33.
- g. Ser exaltado, Fp 2:9.



C. A Humanidade de Cristo

Apesar de sua divindade, Cristo assumiu uma humanidade real quando encarnou.

1. Ele teve uma ascendência humana (Rm 1.3; Gl 4.4);
2. Ele teve um nascimento e desenvolvimento físico natural (Lc 2.52);
3. Ele teve uma aparência humana real (Jo 4.9)
4. Sofreu tentações reais (Hb 4.15);
5. Esteve sujeito às limitações comuns aos seres humanos (Mt 4.2 fome; Jo 19.28 sede; Jo 4.6 cansaço; Jo 11.35; Lc 19.41 choro);
6. Foi capaz de morrer (Mt 27.50; 1Co 15.3)

⁵ Charles C. Ryrie, Bíblia Anotada, p.1194

D. A Questão da "Kenósis" (Fp 2.7)

1. Seu significado:

Literalmente “kenósis” (gr. κενώσις) significa “esvaziamento”. Em termos práticos significa a resposta à pergunta: Que limitações experimentou a segunda pessoa da Trindade em Sua encarnação?

2. O Conceito Correto de κενώσις:












Jesus não poderia ter aberto mão ou ter perdido qualquer dos atributos divinos que possuía eternamente sem comprometer Sua divindade, o que o tornaria incapaz de ser um Salvador de dimensões universais. Sua κενώσις envolveu:

- a. O encobrimento de Sua glória essencial pré-encarnada. Jo 17.5
- b. Sua aceitação em assumir a semelhança de carne pecaminosa; Fp 2.7
- c. O não-uso voluntário de certos atributos em determinados períodos de Sua missão terrena.

“Cristo esvaziou-se não de Sua divindade nem de Seus atributos, mas simplesmente da manifestação externa de Sua divindade e do exercício independente de seus atributos.”⁶

“O auto esvaziamento de Cristo, na encarnação, foi a suspensão voluntária do pleno exercício dos atributos divinos, ainda que, potencialmente, todos os recursos divinos estivessem presentes.”⁷

E. A Divindade de Cristo

1.  Jo 1.1 = “o verbo era Deus” †
2.  Jo 10.28 = doador de vida eterna †
3.  Jo 10.30 = “Eu e o Pai somos um” †
4.  Jo 20.28 = “Senhor meu e Deus meu” †
5.  Mc 2.5-12 = onisciência, autoridade para perdoar pecados †
6.  Jo 1.3; Hb 1.3; Cl 1.17 = Criador e preservador do universo †
7.  Mq 5.2; Is 9.6; Ap 1.17 = eternidade †
8.  Jr 17.10 c/ Ap 2.23; Is 60.19 c/ Lc 2.32 = referências a Deus Pai (Yahweh) no AT são dirigidas a Jesus no NT. †
9.  Tt 2.13 = “nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus”
10.  At 20.28 = “o sangue de Jesus é o sangue de Deus”
11.  1Jo 5.20 = “Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.”

⁶ Emery H. Bancroft, Teologia Elementar, p.115

⁷ Ibid.

Dificuldades:

- "O Primogênito", gr. protótokos, 7 vezes referindo-se a Cristo no NT, cf. Lc 2.7, Rm 8.29, Cl 1.15, Hb 1.6, Ap 1.5.
- No NT, tanto quanto no AT, esta palavra indica uma posição jurídica (o primeiro herdeiro), e não necessariamente alguém nascido fisicamente primeiro, cf. Dt 21.16-17.
- Cristo é o herdeiro final de tudo o que existe, Ef 1.10, 22.
- "O princípio da criação de Deus", Ap 3.14. gr. "arkei", é frequentemente traduzido "a primeira causa, origem, fonte; autoridade; soberano", Lc 12.11, Rm 8.38 (principados).
- Jesus é o princípio no sentido de iniciador e fonte da criação, Cl 1.16-18.

F. União Hipostática

A união das duas naturezas em Cristo é chamada de hipostática, isto é, pessoal. As duas naturezas, ou substâncias (ousai), constituem uma substância pessoal (hypostásis).

A união hipostática das naturezas humana e divina em Cristo é explicitamente revelada em Jo 1.1-14; Rm 1.2-5; Fp 2.6-11; 1Tm 3.16; Hb 2.14; 1Jo 1.1-3.

A união das duas naturezas em Cristo está diretamente relacionada aos Seus atos como pessoa:⁸

1. Sua morte vicária dependia de Sua plena humanidade para ser um substituto legítimo (Hb 2.14) e de Sua divindade para que fosse um sacrifício suficiente para toda a humanidade.
2. Seu atual ofício sacerdotal depende de ser plenamente humano, identificando-se conosco (Hb 4.15).
3. Seu futuro ofício como Rei exige ambas as naturezas, para que possa abarcar toda a criação sob Sua autoridade e cumprir as promessas feitas a Abraão e Davi (2Sm 7.16).

G. A Questão da Impecabilidade de Cristo⁹

Entre os teólogos ortodoxos não há debate quanto ao fato de que Jesus jamais cometeu pecado; tal crença é consequência natural da Sua divindade e é condição essencial para Sua missão redentora.

Tal unanimidade desaparece, entretanto, quando se trata de definir a base ou razão dessa vida isenta de pecado. Jesus viveu sem pecado simplesmente porque não pecou, ou porque não podia pecar?

O quadro a seguir resume as duas posições mais comuns entre os teólogos ortodoxos:

JESUS PODIA NÃO PECAR (PECABILIDADE)	JESUS NÃO PODIA PECAR (IMPECABILIDADE)
Jesus era humano como nós. Sua identificação perfeita exigia a possibilidade do pecado.	A humanidade de Jesus era diferente da nossa no sentido em que Ele não conhecia a cobiça (Tg 1.14).
Mesmo não tendo pecado e a natureza pecaminosa, Jesus estava na mesma situação de Adão.	A humanidade de Jesus era diferente da de Adão pois era fortalecida pela natureza divina.
Uma tentação só tem sentido se for real para a pessoa tentada (Hb 2.17).	As tentações de Cristo foram reais embora fossem insuficientes para vencê-lo. Seu

⁸ Pinto, Ibid.p.24

⁹ Ibid.

	propósito era demonstrar a impecabilidade. ¹⁰
A natureza humana de Jesus, herdada de Maria, exigia a possibilidade de uma resposta humana à tentação.	Gerado pelo Espírito Santo, Jesus não possuía os impulsos que O tornariam suscetível à tentação.
Se Deus colocou Jesus na Terra sem qualquer possibilidade de pecar, Deus é covarde. Qualquer homem venceria a tentação se não pudesse pecar.	A natureza divina torna a pecabilidade impossível. O problema do homem é que ele está, desde Adão, na triste condição de “não poder não pecar”.
Se foi possível a Cristo experimentar separação real de Deus, por que seria impossível a Ele pecar?	A separação entre o Pai e o Filho não eliminou a divindade de Jesus; o pecado que Ele então levou não era constitucional, mas imputado.

Conclusão:

“Se, ao assumir humanidade, Deus o Filho se tornou suscetível ao pecado, já não é imutável, ou sempre foi pecável, e o plano soberano de Deus deixou de ser soberano, pois ficou dependente da possibilidade de Cristo ceder às sutilezas de Satanás! Ainda mais, por ser o mesmo ontem, hoje e sempre (Hb 13.8), Cristo poderia ainda vir a pecar, invalidando assim Sua obra redentora!”¹¹

¹⁰ Questões a considerar sobre as tentações de Cristo (Pinto, op.cit.p.24ss)

1. Ela foi diferente de todas as demais, pois não encontrou o eco interior da natureza pecaminosa (Tg 1.14 – cobiça).
2. A impossibilidade de sucesso não implica a irrealidade da tentativa.
3. “Tentabilidade” não implica suscetibilidade, ou seja, para que haja uma tentação real, não é preciso que haja necessariamente a possibilidade da queda. (ilustração: barquinho contra o casco do navio).

¹¹ Pinto, ibid. p.25

III. A OBRA DE CRISTO: SUA MORTE E RESSURREIÇÃO

À Pessoa de Cristo corresponde uma obra, a qual Ele executou voluntária e pessoalmente, e que proveu resultados definidos para seus beneficiários. Ao contrário do que acontece com pessoas comuns, é a morte de Cristo, mais do que Sua vida, que tem importância suprema.

A. A Morte de Cristo

1. Predita no A.T. - a traição do Messias (Sl 41:9, Jo 13:18, At 1:16), a crucificação (*Sl 22:1, 7 e ss., Mt 27:39,47), a ressurreição (Sl 16:8-11, At 2:25-28). Também Is 53, Dn 9:26, Zc 11:12 e ss., Zc 13:1, 7).
2. O Propósito Principal da Encarnação - *Ap 5:8 ss., Mc 10:45, Jo 3:16, 1 Jo 3:5.
3. Testemunho de Jesus - anunciou Sua própria morte como cumprimento de Sua obra na terra: *Mt 16:21; 17:22,23; Mc 9:31, Jo 10:17,18.
4. É Essencial para o Cristianismo - sem cruz não há salvação. Hb 9.22.
5. É Testemunhada no Céu - Ap 5:8-12.



B. Interpretações Históricas da Morte de Cristo

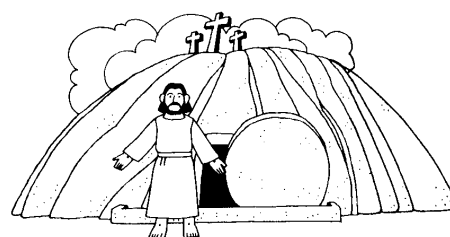
Assim como lutaram ao longo da história para entender a Pessoa de Cristo, assim também os teólogos lutaram para entender a natureza da obra que Jesus realizou na cruz. O quadro abaixo fornece um sumário das teorias propostas para explicar a salvação operada por Jesus.

RESUMO DAS PRINCIPAIS TEORIAS SOBRE A EXPIAÇÃO				
TEORIA	PROPONENTES	DOCUMENTO	IDÉIA CENTRAL	DEFENSORES
Resgate	Orígenes	Comentário de Mateus	Resgate pago a Satanás Coloca Deus em dívida com o diabo.	Neo-pentecostais
Recapitulação	Irineu	Adversus Heresiae Sua obediência compensa a desobediência de Adão	Em sua vida, Jesus recapitulou todos os estágios da vida humana, e assim fazendo reverteu o caminho que Adão havia iniciado.	
Satisfação ou comercial	Anselmo	Cur Deus Homo? Por que Deus humano?	Satisfação da glória de Deus. Com a queda, Deus foi privado de Sua honra, e era necessária uma reparação.	

Influência Moral	Pedro Abelardo	Comentário de Romanos	Manifestação do amor de Deus influencia o homem para o bem. A morte de Cristo não serviu para expiar pecados. A consciência de tal amor serve para curar nossa ignorância e o medo que sentimos de Deus.	Schleiermacher A. Ritschl H. Bushnell
Exemplo	Pelágio, Fausto Socino, Abelardo	De Jesu Christo Servatore Cristo não expia pecado por sua morte, mas por seu exemplo de ter chegado até a morte.	O mártir Jesus dá o exemplo de vida a seguir. O pecado não exige necessariamente a punição. Deus pode perdoar sem expiação	T. Altizer L. Boff A. Kardec
Governo	Hugo Grotius Para ele, Deus não é obrigado a punir o pecador	Defesa da Fé Católica Contra Fausto Socino	Cruz mostrou o fato do governo moral de Deus no universo. Não significa que Cristo morreu substitutivamente.	J. Campbell H. Mackintosh
Dramática	G. Aulén Gustaf	Christus Victor	Cruz mostrou a vitória sobre as forças do mal	
Substituição Penal	Calvino	Institutas da Religião Cristã	A morte de Cristo foi um sacrifício vicário (substitutivo) que satisfaz as exigências da justiça de Deus.	Hodge, Chafer, Strong, Ryrie, Berkhof, Barth

C. A Ressurreição

O cristianismo é uma religião de milagres, e o milagre da ressurreição de Cristo foi o centro do "kerigma" cristão desde o início. Assim como o cristianismo perde seu sentido sem a cruz, despe-se de qualquer esperança ao abandonar a realidade da ressurreição (1Co 15.19). A questão da ressurreição valida, por seu lado, o cristianismo, transferindo a discussão do terreno filosófico para o histórico.



1. Evidências no A.T. - 1 Sm 2:6, *Sl 16:10, Os 6:1 e ss., Ez 37:1-14, *Dn 12:1 e ss.

O conceito de ressurreição não foi plenamente definido no AT. Note-se que estava presente no contexto judaico mais conservador (fariseus).

2. Evidências no N.T.

a. O ensino de Jesus: Mt 22:23-33, *Jo 10:17-18, *Jo 11:25-26, Mt 16:21;

b. O “kerigma” (proclamação) dos apóstolos: At 2:24,32, At 17:31, *1 Co 15:3-4,
*1 Co 15:12-19.

3. Evidências Históricas:¹²

a. O túmulo vazio.

* Uma pedra de cerca de 2 toneladas (peso calculado) não poderia ser secretamente removida, à vista da guarda romana; além disso, foi movida "para cima" (Mc 16.4; Mt 27.60).

* Uma guarda militar romana, altamente disciplinada, deixou seu posto e precisou ser subornada e protegida (Mt 28.11-15).

* A mortalha, intacta, não continha o corpo (Crisóstomo notou que o corpo foi sepultado com muita mirra, que "cola" o linho ao corpo, o que dificulta a retirada) – Lc 23.53; 24.12

b. As aparições de Cristo ressurreto.

* Apareceu a mais de 500 testemunhas, em situações e ocasiões diferentes, a maioria ainda vivos quando Paulo escreveu 1 Co sem ser desmentido (1Co 15.5-8).

c. A transformação na vida dos discípulos.

* Os mesmos discípulos que fugiram e se esconderam durante o julgamento e a crucificação passou a dar suas vidas pela verdade do que pregavam, isto é, a ressurreição de Jesus.

4. Posições quanto à ressurreição:¹³

O TÚMULO DE CRISTO PODIA ESTAR...		
OCUPADO	VAZIO	
<input checked="" type="checkbox"/> Túmulo desconhecido	NATURAL	SOBRENATURAL
<input checked="" type="checkbox"/> Túmulo errado	<input checked="" type="checkbox"/> Roubado p/discípulos	
<input checked="" type="checkbox"/> Lenda	<input checked="" type="checkbox"/> Escondido p/autoridades	Ressurreição
<input checked="" type="checkbox"/> Ressurreição espiritual	<input checked="" type="checkbox"/> Síncope	Corporal
<input checked="" type="checkbox"/> Alucinação	<input checked="" type="checkbox"/> Complô da Páscoa	

¹² Josh McDowell, As Evidências da Ressurreição de Cristo, pág. 100

¹³ Josh McDowell, A Ressurreição de Cristo, pp.103-144 e Leon Morris.

Refutações:

a. Túmulo desconhecido .

- * Marta e Maria presenciaram a preparação do túmulo (Mt 27.61).
- * Era o túmulo de José de Arimatéia.
- * Era o túmulo onde estava a guarda romana.

b. Túmulo errado.

- * Marta e Maria sabiam onde era o túmulo.
- * Todos teriam que ter ido ao túmulo errado, inclusive o sinédrio e o anjo.

c. Lenda.

- * Existiam quase 500 testemunhas vivas, quando os registros da ressurreição apareceram, que não contestaram tais documentos.

d. Ressurreição espiritual.

- * Os judeus esperavam ressurreição corporal.
- * Jesus mostrou seus ferimentos corporais aos discípulos incrédulos que os puderam tocar (Lc 24.39).
- * Cristo comeu peixe e as mulheres, quando o encontraram, abraçaram seus pés e o adoraram (Mt 28.9; Lc 24.36-43).
- * Os guardas foram subornados pelo fato de o corpo não estar no túmulo.

e. Alucinação.

- * Várias pessoas viram Jesus ressurreto ao mesmo tempo (1Co 15.6).
- * Houve uma variedade de tempo e lugar para as aparições.
- * Não havia expectativas propícias à alucinações. Marta trazia especiarias no domingo pela manhã; os discípulos pensaram estar vendo um fantasma.
- * Houve uma paralisação repentina das aparições.
- * Alucinações não têm imagem da realidade.

f. Roubado pelos discípulos.

- * Se os guardas dormiram, como podiam saber que os discípulos haviam roubado o corpo? (Mt 28.13)
- * E a enorme pedra que fechava a entrada do túmulo?
- * Contraria o caráter dos discípulos, conhecidos na época como honestos.
- * E as aparições posteriores?

g. Escondido pelas autoridades.

- * Por que não apareceram com o corpo para desmentir a ressurreição?

h. Síncope. (perda temporária dos sentidos).

- * Seria necessário um milagre ainda maior para Jesus se desvencilhar de todo o aparato fúnebre e vencer sua própria exaustão.

i. O “complô da Páscoa”.

* Posição absurda e extremamente preconceituosa.

“Há muitos anos estou acostumado a estudar a história de outras épocas, e a examinar e avaliar as evidências daqueles que escreveram sobre elas. E eu não conheço nenhum fato da história da raça humana que esteja melhor comprovado, pelas mais completas evidências de todo o tipo, para a compreensão de um pesquisador justo e imparcial, que o grande sinal que Deus nos deu pelo fato de Cristo ter morrido e haver ressuscitado dentre os mortos.”¹⁴

5. Resultados da Ressurreição:

- a. Confirmou a divindade de Jesus (Rm 1.4);
- b. Serviu como garantia da justificação dos crentes (Rm 4.25);
- c. Forneceu uma base para a certeza de nossa ressurreição futura (2Co 4.14).

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA:

Borchert, Otto. *O Jesus Histórico*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1985.

McDowell, Josh. *As Evidências da Ressurreição de Cristo*. São Paulo: Editora Candeia, 1985.

Stott, John. *A Cruz de Cristo*. São Paulo: Editora Vida, 1991.

Macleod, Donald. *A Pessoa de Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

Baillie, Donald M. *Deus estava em Cristo: ensaio sobre a encarnação e a expiação*. 4ª ed. São Paulo: ASTE, 2012.

Berkouwer, G. C. *A Pessoa de Cristo*. 2ª ed. São Paulo: ASTE, 2011.

Stott, John. *O incomparável Cristo*. São Paulo: ABU, 2006.

Fernando, Ajith. *A supremacia de Cristo*. São Paulo: Shedd Publicações, 2002.

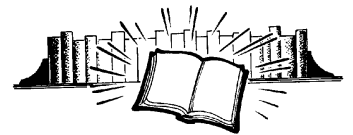
Bettenson, Henry. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 2001.

Lutero, Martinho. *Martinho Lutero: obras selecionadas, vº 3, Debates e controvérsias, I*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2007.

Piper, John. *Lutando pela verdade: como Atanásio, John Owen e J. Gresham Machen defenderam a Fé Cristã*. Niterói, RJ: Tempo de Colheita, 2013.

Kelly, J. N. D. *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da Fé Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

Ferreira, Franklin. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.



¹⁴ Comentário do professor Thomas Arnold, citado por McDowell, op.cit.p.24